

Bob Wilson monta ópera em português na Expo 98

'O Corvo Branco', com música de Philip Glass, foi vista em Lisboa por uma platéia do mundo todo

JAIR RATTNER

Especial para o Estado

LISBOA – Uma ópera cantada em português. Esse foi o desafio aceito pelo encenador Bob Wilson e pelo músico minimalista Philip Glass – a dupla que em 1976 revolucionou o teatro lírico ao apresentar *Einstein na Praia*. No sábado, o Teatro Camões de Lisboa foi palco para a estréia mundial de *O Corvo Branco*, dentro da programação da Expo 98.

Com cinco atos e quatro knee-plays (pequenas encenações entre atos, um conceito criado por Wilson), a ópera tem sua força mais na qualidade da encenação do que na música. O conjunto é marcado pela ironia: nos cenários, na concepção musical e no libreto, escrito pela portuguesa Luísa Costa Gomes.

Além do rei e da rainha de Portugal e de Vasco da Gama, nas mãos de Wilson a celebração dos descobrimentos ganha personagens insólitos: um homem sem cabeça, um cantor com um pé gigantesco, duas cantoras siamesas, três cientistas e até o homem de lata do filme musical *O Mágico de Oz*.

A música faz lembrar a todo momento que o objetivo da obra é divertir. "A ópera é uma obra de arte que se aproxima do entretenimento", explica Philip Glass. "Música pop é entretenimento, mas muitas vezes pode chegar perto da obra de arte."

Também não faltou ironia. Conduzidos por um narrador, foram incluídos na ópera desde manchetes fictícias de jornais até trechos de obras históricas, além do texto de Luísa Costa Gomes. Para a melhor compreensão do público, um equipamento reproduzia, acima do palco, as letras de todas as canções – menos no terceiro ato, em que não houve canto, apenas coreografia.

O cenário foi concebido em tons de preto-e-branco. As principais cenas ocorrem num ambiente que pa-



Dupla de cantores em ação no palco do Teatro Camões: música faz lembrar o tempo todo que intenção é produzir ópera de entretenimento

rece uma gruta alta, transformada em sede do poder real português. Entre os figurinos, mais uma ironia: apesar do título, não há corvo branco. Os corvos aparecem de negro.

Poucos espetáculos – Em Lisboa, a ópera teve apenas três apresentações. Segue para Madri, onde vai ser encenada em novembro. Não há outros espetáculos marcados. "Vieram pessoas de Nova York e de outras cidades para ver as apresentações", conta Wilson. "Se eles gostaram, então poderemos ser convidados para apresentar a ópera em outros países."

Segundo Wilson, não há garantias de que a ópera volte a ser apresentada. "Não é fácil produzir uma ópera contemporânea; o risco é grande e hoje estamos num período mais conservador do que há alguns anos."

O Corvo Branco é apenas parte de um projeto que Bob Wilson pretende desenvolver com Philip Glass. "A ópera é a segunda parte de um díptico", diz ele. "A primeira parte vai do século

9, com a chegada dos mouros, até o renascimento; a segunda começa com os descobrimentos portugueses até o futuro."

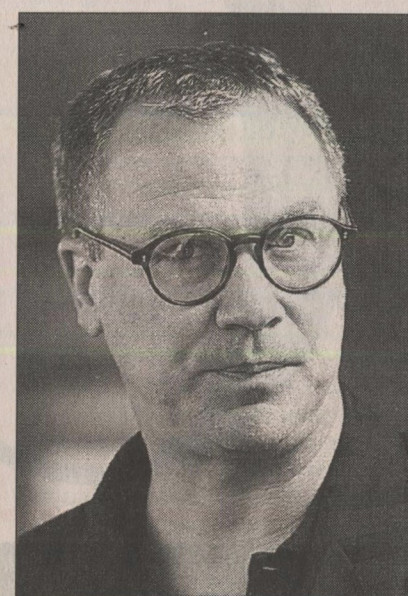
**ENCENADOR
QUISTRATAR DOS
DESCOBRIMENTOS
COM HUMOR**

Com o patrocínio português, só ficou pronta a segunda parte, *O Corvo Branco*. Wilson e Glass ainda não começaram o trabalho da primeira parte, que terá o título *O Palácio das Noites*

Árabes. Não está definido se a primeira parte também será cantada em português.

Resultado de uma iniciativa portuguesa para celebrar os descobrimentos, *O Corvo Branco* surgiu há nove anos. "Fizemos um workshop em Lisboa em 1989, época em que Philip e eu chegamos a um acordo sobre a ópera de forma abstrata e definimos o número de atos, mas ainda não tínhamos idéia sobre qual seria o conteúdo."

Para a elaboração do libreto, Wilson e Glass trabalharam com Luísa Costa Gomes, uma escritora que já produziu romances, contos, poesia e até peças de teatro em Portugal. Entre suas obras, está a peça *Clamor*, uma adaptação dos sermões do padre Antônio Vieira para



Wilson: personagens divertidos

o teatro. Em *O Corvo Branco*, ela criou um libreto iconoclasta, incluindo citações que vão desde trechos de *Os Lusíadas* e da carta de Pero Vaz de Caminha até relatos do médico Wilhelm Reich e fragmentos do musical *O Mágico de Oz*.

Inicialmente, a ópera seria apenas *O Corvo*, com base na lenda de que dois corvos guardaram o corpo de São Vicente na viagem de barco entre Algarve e Lisboa, afastando outras aves de rapina e impedindo sua putrefação. Mas, depois, Luísa Costa Gomes encontrou a lenda do corvo branco – amigo do deus grego Apolo, que foi transformado em negro por ter denunciado que a ninfa Coronis o traía. Apolo matou a ninfa e, sentindo sua falta, tornou os corvos negros. "É uma história de inocência em que a transformação em negro significa o conhecimento."

Adiamentos – Com a estréia adiada duas vezes, *O Corvo Branco* foi a produção mais cara da Exposição Internacional de Lisboa. Inicialmente, deveria ter estreado quando Lisboa foi Capital da Cultura Européia, em 1994.

A segunda tentativa foi em maio deste ano, no festival realizado antes da abertura da Exposição Internacional de Lisboa. Apenas agora foram reunidos os cerca de US\$ 2,5 milhões para pagar a produção.